

O jeito Terena de ver TV

Orlando Garcia

Resumo: Neste artigo, analisamos a relação midiática entre um grupo de índios e alguns programas de TV, com o intuito de discutirmos o que há de preservação e de rupturas na cultura desse grupo formado por índios terenas e moradores da comunidade “Marçal de Souza”, na cidade de Campo Grande em Mato Grosso do Sul. Problematicamos nessa análise as relações entre a mídia e seus receptores, enfatizando a importância do impacto midiático sobre a referida audiência. Discutimos, também, as abordagens socioculturais e comportamentais que contribuem para as formas de recepção dos programas televisivos.

Palavras chaves: Cultura; Televisão; Recepção; Mediação; Mestiçagens.

Abstract: In this article, we analyze the media relation between a group of Indians and some TV programs in order to discuss if the Terena's culture is there is preserved or destructed considering a group of Indians who reside in the “Marçal de Souza” community, located in the city of Campo Grande, MS, Brazil. In this work we discuss the relations between media and its receivers, emphasizing the importance of the impact the media has on its audience. We also discuss the socio-cultural and behavioral approaches that contribute to reflections that deal with the ways of receiving TV programs.

Keywords: Culture; Television; Reception, Mediation, Cross-culture

Introdução: tendência à mestiçagem

Discute-se neste artigo a vinculação da televisão com o receptor indígena de uma aldeia Terena de Mato Grosso do Sul. São analisados os depoimentos de alguns índios sobre os tipos de programas de televisão a que assistem, enfatizando o diálogo entre produtor/receptor, com o intuito de esclarecer os processos socioculturais desse veículo de comunicação. O diálogo a que nos referimos acima, em princípio, focaliza os possíveis efeitos que a contínua exposição a imagens, sons, cenários e textos causaria nestes telespectadores indígenas, a partir da ligação, que consideramos democrática e recíproca, entre a produção de programas televisivos e os indígenas, que constitui, naturalmente entre ambos, uma conexão cultural e uma mestiçagem.

O que se pode adquirir, no entanto, com o ato de ver TV, não surgem de situações forjadas para tal fim, bem como não acarreta a eliminação da cultura de um grupo de pessoas, como a dos índios terenas que é analisada aqui. Ocorre que as experiências apreendidas historicamente exigem constantes adaptações no encontro dos elementos culturais velhos com os novos, que, ao serem reatualizadas, mudam o contexto social, o jeito de viver, os estilos e os ritmos da vida dos indivíduos. Essas adaptações constituem-se um processo de reatualização cultural mestiça, pois, de acordo com Laplantine e Nouss (2007), trata-se da mescla realizada entre as experiências vividas no

presente e no passado, experiências que se reatualizam e criam novos elementos culturais, caracterizando, assim, um processo de mestiçagem.

A mestiçagem possui uma definição complexa sobre o que constitui sua tendência principal e não é arbitrária. Não surge de uma relação antropofágica que substitui simplesmente a própria cultura pela do outro, mas como resultado de uma troca de experiências e de critérios que permitam que se reconheça na cultura alheia o que é apropriado que se retenha dela. Segundo Laplantine e Nouss¹:

Em suma, de maneira análoga, os “antropófagos” brasileiros de São Paulo na década de 1920 devoraram Paris. Mas então, como ser e, sobretudo, como voltar a ser brasileiro? (2007: 41. Traduzido pelo autor)

Sabe-se, todavia, que as palavras de Oswald de Andrade sobre a antropofagia são metafóricas, pois dificilmente retemos por inteiro os bens culturais de um grupo de estrangeiros, na condição de simplesmente substituí-los pelos nossos, ou não se estaria concretizando uma mestiçagem²:

A antropofagia brasileira, pelo contrário, é uma antropofagia crítica posta a serviço da construção cultural da nação, não por questões identitárias, mas por gosto, poderia até dizer por glotonaria do outro, tanto por apropriação como por expropriação e deshierarquização dos valores do antigo colonizador. (Laplantine; Nouss, 2007: 101. Traduzido pelo autor)

Absorvendo criticamente parte dos bens simbólicos alheios realiza-se a antropofagia, iniciando-se, assim, um processo de reatualização da cultura. Entre os terenas, a antropofagia se realiza por meio de seus comportamentos ambíguos, oriundos da sua inconstância no jeito de lidar com a vida e com outras culturas. É ela que os mantém na esfera da cultura em interação social intertribal e interétnica, à semelhança dos índios tupinambás, conforme a análise de Viveiros de Castro:

O principal da aldeia ouviu maravilhado sobre “o inferno e a glória”, e advertiu seus companheiros para que não fizessem mal ao padre: “Se nós outros temos medo de nossos feiticeiros, quanto mais o devemos ter dos padres, que devem ser santos verdadeiros...” (idem: 204-05); por fim, pediu a intercessão de Anchieta junto a Deus: “rogai-lhe que me dê longa vida, que eu me ponho por vós outros contra os meus...” (Viveiros de Castro, 2002: 200).

¹ En suma, de manera análoga, los “antropófagos” brasileños de San Pablo en la década de 1920 devoraron París. Pero entonces, cómo ser y sobre todo cómo volverse brasileño? (Laplantine; Nouss, 2007: 41)

² La antropofagia brasileña, por el contrario, es una antropofagia crítica puesta al servicio de la construcción cultural de la nación, no por repliegue identitario sino por gusto, casi podría decir por glotonerías del otro, por apropiación, así como por expropiación y desjerarquización de los valores del antiguo colonizador. (Laplantine; Nouss, 2007: 101)

Muitas variáveis podem modificar, em certa medida, as tradições, as crenças, a mitologia e a história de um povo de cultura arcaica sem, contudo, eliminá-las, mas reatualizando-as continuamente. A sociedade Terena da aldeia “Marçal de Souza” passa por mudanças constantes após realizar conexões sociais e culturais, superando qualquer possibilidade de manter totalmente a sua unidade cultural. Surgem assim, nas relações interétnicas, processos naturais que suprimem as lutas pela hegemonia cultural, impedindo que a disputa entre grupos centrais e periféricos, que se desenvolve distante ou próximo das regiões fronteiriças da cultura a fim de impor uma hegemonia, possa tornar um ou outro grupo social, despótico.

Não obstante, as reestruturações naturais dos índios evidenciam a capacidade que possuem em classificar, qualificar e formar juízo sobre o que foi produzido, ao interpretar as mensagens de acordo com o que entendem sobre suas estruturas narrativas e lendo-as a partir de um conhecimento já incorporado, transmitido de geração a geração, acumulado e atualizado continuamente. Eles compreendem o que veem na televisão a partir de um sistema de orientação e expectativas que permeia um diálogo simbólico entre eles e os teleprogramas, todavia mediado por quatro das mediações propostas por Orozco-Gómez (1992): mediação de referência individual, situacional, institucional e tecnológica.

Quando assistem à televisão, os índios terenas procuram programas em que possam visualizar trabalhos na área rural e, de acordo com essa condição, geralmente escolhem telejornais e telenovelas. Os índios, ao verem os trabalhadores da roça na novela ou minissérie identificam-se com eles, traduzem algumas cenas de acordo com seus repertórios e contam, a partir da tradução que fazem, suas histórias migratórias de maneira melodramática:

A gente sofre trabalhando na roça (...). Recebe ordem e aceita, né, tem que aceitar (...). Cumpre horário tudo certinho; a gente vive no mato, muita dificuldade na aldeia, né, a gente planta, ganha, quase não dá pra nada, tudo a gente pensa nisso, né (...). (Ênio de Oliveira Metelo, cacique Terena da aldeia “Marçal de Souza”)

Alguns programas televisivos não deixam os índios esquecerem os fatos que vivenciaram na aldeia rural. Com a ajuda da TV eles rememoram o trabalho que exerceram no campo e utilizam das lembranças como um meio para resistir aos problemas que encontram na cidade, principalmente quando as lembranças não lhes são agradáveis:

A vida na aldeia tá muito difícil né, num tem emprego pro índio, num tem terra né, assim, ele vem embora procurar coisa melhor na cidade. Na cidade

não é muito bom não, mas se ele fica é pior. (Ênio de Oliveira Metelo, Cacique Terena da aldeia “Marçal de Souza”)

As lembranças ruins do passado que viveram na aldeia rural os fazem ver na cidade a esperança de uma vida melhor social e economicamente. Também se utilizam, naturalmente, da ação política para defender sua cultura, seu modo de viver, seu território, suas crenças e tradições, embora mantenham suas vidas ligadas às necessidades impostas pela vida urbana. De acordo com Certeau, resistências são: “As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte (...)”(2008: 45). Em processo de constante resistência, essas táticas, continua o autor, “(...) vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas”. As resistências políticas como, a participação em movimentos comunitários pela demarcação de terras, assistência médica, escolas na aldeia etc., são manifestações políticas usadas pelo índio contra a opressão imposta pela sua condição social, sendo a televisão colaboradora desse mecanismo.

Os envolvidos com a produção da TV interpretam a vida cotidiana e se fazem perceber por ela, construindo histórias virtuais que se assemelham às de muitos telespectadores na vida real. É provável que cenas desses tipos de histórias, construídas muitas vezes para representar o passado de muitos receptores, propiciem ao índio a possibilidade de recuperar fragmentos da sua infância e adolescência, das experiências que vivenciou, pois ele se reconhece nos programas de TV e compara-os com o cotidiano da sua vida real:

A televisão é um divertimento pra nós. Ela passa as coisa do jeito que é o Brasil, ela representa o Brasil. É igual o Brasil, parecido com nossa vida. (Ênio de Oliveira Metelo, Cacique Terena da aldeia “Marçal de Souza”)

A produção televisiva faz da imaginação melodramática do receptor algo presente e palpável, embora suas interpretações não sejam iguais ao que é proposto pelo emissor, uma vez que a interação entre este e o receptor não é simétrica (Canclini, 2006).

Os primeiros contatos com o aparelho de TV possivelmente já definem o estilo de programas de preferência do telespectador. Comentando sobre sua infância, o índio terena Itamar J. Pereira diz: “Assistia desenho sempre, estudava, mas na folga via desenho e mais desenho. Quase ninguém tinha TV na aldeia, era coisa boa pra nós (...)”. Os desenhos podem ter sido um bom entretenimento ao índio, mas certamente ele soube tirar proveito de situações que lhe serviram para orientá-lo em como lidar com as coisas da vida urbana. O índio terena escolhe para assistir os programas de TV que lhe interessam e os interpreta de acordo com seu repertório, tornando, assim, a relação entre

receptor e produtor assimétrico, pois a mensagem que o produtor do programa tem intenção de passar pode não ser a mesma recebida pelo receptor indígena.

Comentando sobre recepção infantil, Menezes e Piedras (2008) afirmam que as crianças, ao se dispersarem diante da televisão, não estão passivas, ao contrário, são sujeitos do processo comunicativo. Para as autoras, enquanto elas assistem à televisão, incorporam seu conteúdo à brincadeira infantil, aos heróis e heroínas de aventuras televisivas, e as usam como matéria-prima da vida de fantasia. Com sua maneira dispersa, as crianças estão criando um modo próprio de assistir ao programa e carregam essas experiências para a fase adulta. Segundo as autoras, o receptor é influenciado socioculturalmente em suas decisões.

A televisão, como parte da cultura social, é também mediadora nas decisões individuais das pessoas, embora não determine as ações de cada um. O indivíduo possui capacidade tradutória, e as conexões culturais orientam suas ações sociais. Concorde-se com Menezes e Piedras sobre o fato de que as pessoas:

(...) reinterpretem e reelaborem as mensagens dos meios segundo características como idade, sexo, etnia, grupo social, personalidade, caráter e valores (...). (Menezes; Piedras, 2008: 243)

As ações individuais dos índios tomam por base as necessidades sociais do grupo, e qualquer decisão associa-se aos valores adquiridos com a convivência na aldeia, isto é, suas tradições e costumes interferem em suas ações decisivas. Diante desse quadro, fica evidente que o índio escolhe os programas, as cenas, os personagens e as caracterizações e se apropria dos bens culturais conforme seu repertório. Ginzburg (1992), com o qual se concorda, afirma que não é possível fugir da condição cultural, pois se tornaria impossível a comunicação.

Alguns índios veem televisão interrompendo a programação para fazer outras coisas. Geralmente os programas de televisão não são assistidos por inteiro, suas cenas são recortadas pelo telespectador, e a escolha do que se vai ver depende de suas necessidades e da vinculação cultural deles ao grupo a que pertencem: “Geralmente, a mulher estará escolhendo arroz, feijão ou costurando, enquanto assiste à novela”. (Leal, 1986: 49) Os índios conhecem o estilo de vida da aldeia e o papel que devem exercer como membros da comunidade, distinguindo este último da função que passou a ter no meio urbano:

Na aldeia a gente não tem preocupação com muitas coisas, né, a gente faz as coisa de casa, doméstica, né, de trabalho. Porque as pessoas lá eles trabalha mais no ramo da lavoura, a gente cuida de casa, faz tudo um pouco, né, meu marido não fica em casa dia inteiro, ele trabalha na construção, é mestre de

obra. Na aldeia é diferente. (Valéria Metelo, dona de casa e líder comunitária da aldeia “Marçal de Souza”)

Dialogar com a televisão certamente ajuda na formação de opinião dos índios. A TV não influencia diretamente no cotidiano da criança, pois a televisão não interfere prévia e impositivamente na imaginação infantil, já que seus efeitos dependem dos conteúdos, das linguagens e do contexto da recepção (as condições sociais, a família e a cultura na qual se encontra inserida). Essa noção vale também para adolescentes e adultos, pois depende das mediações com que cada receptor vê a programação; a TV enriquece o processo imaginativo das pessoas ao chegar até elas com todos os recursos que compõem a produção dos programas.

Reciprocidade nas relações com a TV

Os índios, comumente, veem TV em coletividade. Reúnem-se na varanda das casas para ver alguma programação de TV, com o aparelho geralmente colocado na sala de frente à porta. Tecem poucos comentários sobre a programação e, quando o fazem, discutem as imagens e as situações que tratam de assuntos de ordem pessoal ou familiar, que consideram semelhantes aos da vida real. Os indígenas escolhem para assistir na televisão os programas jornalísticos, novelas, seriados, filmes ou mesmo propagandas que representem parte de uma experiência vivida por eles.

Ao reunirem-se na varanda para ver TV, comportamento comum entre os terenas da “Marçal de Sousa”, a privacidade dos moradores da casa é mantida, uma vez que os receptores convidados não circulam pelo interior da moradia, permanecendo na varanda do início ao fim do programa. Nesta aldeia as ruas são extensões das casas, e os portões são mantidos abertos, facilitando o trânsito de pessoas até as varandas das residências, numa demonstração de cordialidade. Nos cômodos vê-se uma mistura de objetos e ornamentos que individualizam o ambiente.

Ainda que o fluxo de pessoas percorrendo o interior da casa durante a exibição de um programa seja realizado apenas pelos moradores da mesma, o trabalho doméstico, comum nas residências populares, exige certas movimentações desses moradores que se assemelham ao que acontece no enredo de uma telenovela ou de uma minissérie. Cotidianamente, como na vida doméstica, nas teledramaturgias, parte das informações, dos conflitos e das decisões tomadas é interrompida por telefonemas, visitantes inesperados e problemas sociais. O diálogo entre mídia televisiva e receptores populares

é facilitado também pela mediação situacional, por expressões, gestos e olhares que atuam como mecanismo de negociação entre os envolvidos com a produção teledramatúrgica e jornalística (Martín-Barbero, 1997).

As interrupções que ocorrem no ato de ver TV criam impasses entre as responsabilidades de se manter o andamento dos afazeres domésticos e o desejo de assistir ao programa. Mas isso não atrapalha a recepção, pois, verificam-se modos diferentes de assistir à programação, que se executam baseados no que Martín-Barbero chama de “lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” (2006: 26), isto é, na mediação situacional.

Esses modos diferenciados de ver a programação da TV significam, segundo Orozco-Gómez, que³:

(...) Na medida em que a interação TV/auditório transcende o simples momento do contato direto com a TV, a mediação situacional se multiplica de acordo com os diferentes cenários em que se desenrola a interação. (1993: 63)

Isso quer dizer que é possível a todos os indivíduos assistir à programação transitando pelo interior da residência, tecendo alguns comentários sobre o caráter de algum personagem de uma minissérie, observando as imagens, comparando as mobílias da sala virtual com as que se possui em casa, olhando os gestos e os trajetos dos personagens por entre os cenários de uma telenovela ou ouvindo a fala e vendo as imagens dos transeuntes em um telejornal.

São elementos que dão certa noção da capacidade de assistir à TV com diferentes modos de atenção, sem prejuízo da qualidade das mensagens transmitidas. A maneira como se dispõem os móveis e as movimentações durante o programa televisivo caracterizam um tipo de apropriação de imagem e som e, particularmente, o modo indígena de ver TV.

Ao assistir à televisão, Ênio Metelo, líder indígena, compara o que vê na TV com a vida real e comenta sobre a vida na aldeia de Alagoinha:

Olha, a gente gosta da novela (...), mas o artista ganha bem. A gente sofre trabalhando hoje na roça porque lá não tem nada mais pro índio, mas na cidade também a gente se diverte vendo televisão. Eu gosto por causa das luta do bem e do mal. (Ênio de Oliveira Metelo, cacique Terena da aldeia “Marçal de Souza”)

³ (...) en la medida en que la interacción TV-auditório trasciende el simple momento de contacto directo con la TV, la mediación situacional se multiplica de acuerdo a los diferentes escenarios en los que se desarrolla la interacción. (Orozco-Gómez, 1993: 63)

Com um olhar bifocal, observando os objetos artesanais usados como decorativos, mas com a atenção dirigida para a TV, seus pensamentos se voltam ao passado:

Então tempo bom foi muitos anos, quando a gente tudo vivia na terra, produzia artesanato bom, faz tempo, né, mas um dia quero voltar pra aldeia (...). (Ênio de Oliveira Metelo, cacique Terena da aldeia “Marçal de Souza”)

Segundo o índio Ênio Metelo, assistir a TV como diversão desde criança possibilitava uma socialização com seus amigos, uma troca de saberes e experiências. Contudo, essa socialização entre os indivíduos também pode se realizar no contato com a televisão, por meio de outros mecanismos.

Veem-se outros modos de socialização por meio do exercício do ouvir e do ver entre amigos e parentes, aprendendo e ensinando com as imagens e com os personagens de alguma telenovela ou telejornal e reproduzindo seu conteúdo no campo social. Esses outros modos se inserem no que se entende por “outra forma de falar e expressar” que não seja pelo uso das palavras, e sim pela maneira de sentar, gesticular, comportar-se, demonstrando consciência sobre outros saberes e outras práticas que fazem parte do jeito Terena de assistir TV.

As residências desses indígenas terenas geralmente são organizadas; a televisão, posicionada na sala, de acordo com seus costumes, é vista da varanda. O posicionamento da TV, a movimentação da família durante a novela e os poucos comentários sobre o desenrolar da trama não prejudicam sua compreensão, uma vez que as telenovelas, no âmbito da produção, são construídas levando em conta as constantes interrupções (Leal, 1986). O esforço em compreendê-las, não obstante, dependerá muito das repetições de algumas cenas e menos da atenção aos capítulos do início ao fim. Esse recurso, além de não exigir dos receptores concentração permanente, incorpora os movimentos e os ritmos do cotidiano. Concorde-se com Leal (1986) sobre as telenovelas serem caracterizadas por redundâncias e repetições.

A redundância, portanto, não diminui a importância das cenas, contrariamente, é um dos componentes importantes da trama, porque contribui com a assimilação das mensagens emitidas. Sua eficácia, no entanto, depende da introdução de algumas variações no cenário, nas caracterizações e na própria narrativa.

A assimilação de determinados valores pode ser obtida pelo diálogo estabelecido entre os recursos da produção teledramatúrgica que a torna viável, assim como pelo repertório do receptor, isto é, pela sua capacidade de classificar, avaliar e qualificar o conteúdo das mensagens. Referindo-se a Tôta, uma de suas entrevistadas em seu livro

História oral e memória, Montenegro (1992) diz ser evidente a maneira como as camadas populares se apropriam da cultura oficial, incorporando-a e construindo sínteses com suas experiências cotidianas.

Os programas televisivos geralmente são associados à prática doméstica, aos problemas de ordem pessoal e familiar, mas inserem também no enredo assuntos de ordem pública, do trabalho e da política, isto é, os tipos de eventos e situações da área pública descritos nas telenovelas, nos telejornais e em outros programas articulam-se aos problemas e complicações oriundos do ambiente privado das residências.

Impactos socioculturais

Para Paz (1991), a comunicação intercultural inclui a tradução; trata-se de uma competência que muda o que é transmitido e, Martín-Barbero (1997), ao referir-se à competência diz que ela implica dois tipos distintos de conhecimentos: a competência genérica, que se traduz na familiaridade do receptor com o gênero, com sua estrutura e conteúdo; e a competência específica, que pode ser explicada com os conhecimentos especializados relacionados ao enredo e aos personagens de determinada telenovela ou outro programa semelhante. É uma demonstração de que o receptor conhece muito bem o enredo e, por isso, associa-o convictamente à sua vida, traduzindo-o e dando-lhe outro significado, ajustado às suas necessidades.

Por exemplo, o índio, observando as atuações dos personagens da telenovela “A favorita”⁴, presente nas telas de TV na época em fizemos nossa pesquisa com a comunidade terena de Campo Grande, ressignifica-os e os inclui na extensão de suas relações sociais de amigos, vizinhos, colegas de trabalho e membros da família, com os quais mantém vínculos afetivos. Ele associa a trama da telenovela à sua vida, compartilhando afetividade com os personagens, repensando suas motivações e suas condutas para decidir entre o que considera certo ou errado:

Eu assisto de vez em quando, a novela né, acho legal a parte que eu gosto é a da cidade pequena, gosto das pessoa que mora lá, as crianças, eu queria ser igual a eles,(...). É muito bonito, eu acompanho de vez em quando, mas a festa deles não é igual a nossa, a dança deles é bonita, mas na aldeia é diferente a dança. (Otoniel Jordão, jovem indígena terena da aldeia “Marçal de Souza”)

⁴ Novela escrita por João Emanuel Carneiro, produzida pela Rede Globo de Televisão e levada ao ar em 2008 e 2009.

Ao apropriar-se dos bens culturais da televisão, o índio entende que eles podem trazer-lhe benefícios. Para Orozco-Gómez (1992), o telespectador, no momento em que assiste a um programa de televisão, não é apenas um receptor, mas muitas coisas ao mesmo tempo.

As condições socioeconômicas, contudo, são também responsáveis por propiciar ao indígena, ao longo de sua formação, competências para reinterpretar de maneira peculiar os discursos transmitidos por meio de cenários, gestos e diálogos. Outras formações, como a do contexto social ou meio cultural específicos, também causam efeitos sobre os discursos que se apresentam a ele.

As interpretações das programações da TV feitas pelos receptores em geral são mediadas também por seus conhecimentos, suas emoções e experiências, adquiridos com as interações que mantêm com as instituições sociais. A televisão se impõe socialmente ao argumentar sobre negócios, trabalho, esporte, relações interpessoais, violência, trânsito, por meio de negociações realizadas entre os personagens dos programas televisivos e o telespectador, mediadas pelas instituições sociais.

Comparando o impacto das imagens e das cenas da televisão com o das instituições sociais, Menezes e Piedras (2008) argumentam que a TV, ao misturar realidade e fantasia, informação e imaginário, estimula a violência por meio dos programas que causam nas crianças impactos semelhantes aos que recebem da família ou da escola. Isso significa que a família e a escola são mediadores de violência, mas esse impacto ocorre em toda a faixa de idade. Sobre essa questão, a índia Valéria comenta: “(...) Na cidade é muito violento as coisa, a gente tem medo de tudo, né, é muito roubo, morte, todo dia, as pessoa briga por qualquer coisa, na aldeia não é assim não”.

Efeitos da competência eletrônica

Para Orozco-Gómez (1992), a TV é uma instituição social que não apenas reproduz outras mediações institucionais, mas também produz sua própria mediação e se utiliza de vários recursos para se impor diante do público.

De acordo com Martín-Barbero (1989, apud Orozco Gómez, 1992), o meio eletrônico utiliza o gênero televisivo como uma combinação específica de códigos que resulta em modos particulares de estruturação do discurso da TV com sua audiência, isto é, a televisão, como mediadora usa o telespectador como testemunha presencial dos

fatos para legitimar os significados. Conforme o gênero produzido, ela tem a capacidade de transformar o real em hiper-real, de transformar uma cena ou um fato social comum em algo espetacular. Ao mudar o aspecto das coisas, dar-lhe maior visibilidade, seu impacto no sujeito também é maior. O efeito hiper-realizado de algumas cenas que retratam, por exemplo, o cotidiano, pode fazer o receptor se reconhecer nelas.

A programação da TV como mediadora tecnológica pode propor ao receptor que faça a comparação entre sua vida passada e presente, e lhe possibilita ainda imaginar e criar novas situações futuras que, por meio de seus recursos eletrônicos, traduz falas, cenários, gestos, atitudes e barulhos em espetáculos semelhantes à vida cotidiana do receptor.

A televisão, como afirmam Jacks e Escosteguy (2005), produz mecanismos que configuram os discursos. Com esses mecanismos, por exemplo, a TV permite filtrar certos conteúdos, pode mostrar com mais ou menos detalhes algumas cenas, discursos e gestos. São recursos cênicos que procuram realçar uma realidade virtual. Tais cenas podem aguçar a consciência de milhões de receptores, como a do índio Itamar, sobre a necessidade de se ter cuidados especiais no trânsito, principalmente das grandes cidades, e podem também fazê-lo crer que pela televisão se pode ver a manifestação hiper-real de um incidente comum, isto é, a televisão pode mostrar a cena de um incidente de maneira verossímil ao real. O comentário, abaixo, do índio traduz o que a cidade lhe causa e a consciência que possui sobre seus problemas sociais, em comparação com o campo:

Temos medo do trânsito, das ruas, dos acidentes, né. As autoridades não tomam conhecimento do perigo. Temos que nos preparar pra esse cuidado. O povo Terena tem consciência disso, né, na cidade, né. Por isso eu acho melhor viver na aldeia. (Itamar Jorge Pereira, professor de língua Terena da aldeia “Marçal de Souza”)

O leitor decodificador, de acordo com a competência adquirida durante sua formação, possui, também, condições de reconhecer na televisão a sua função de mediadora do processo, ou seja, sabe que a TV é um mecanismo eletrônico que lhe possibilita ver imagens, pessoas, assim como o desenrolar de tramas que se parecem com sua vida. Os mecanismos eletrônicos, segundo Orozco-Gómez (1993), produzem suas próprias mediações para enviar mensagens aos telespectadores. Mas não fazem isso isoladamente, porque há uma relação de diálogo entre os recursos eletrônicos, o gênero e os televidentes. Para Leal (1986), a programação de televisão pode ser entendida como uma modalidade de linguagem, pois utiliza-se de códigos semelhantes aos

utilizados para perceber a realidade. Essa é uma qualidade que a diferencia de outras instituições sociais. Em sua argumentação, Valéria expõe, implicitamente, as relações que há entre as três dimensões midiáticas:

Na aldeia não tem estas coisa não. Quando mostra o interior é uma parte, né, muito parece que faz a gente lembrar do pessoal que trabalhava na usina, porque lá na minha aldeia eles trabalharam nisso aí, daí tem (...). (Valéria Metelo, dona de casa e líder comunitária na aldeia “Marçal de Souza”)

Por intermédio da escolha de gênero, assunto discutido, atores, cenário, cenas repetidas e outros elementos, tais como características de iluminação e encenação, também se faz a escolha do público-alvo que, por meio do aparelho de TV, se vê presente em várias situações veiculadas.

Para Martín-Barbero (1989, *apud* Orozco-Gómez, 1993), a TV como mediadora não possui estruturas que derivam de características unicamente videotecnológicas, mas uma especificidade oriunda dos vários estilos de programações televisivas segmentadas por meio dos quais ela mantém diálogos com os telespectadores:

O que eu vejo na televisão é tudo bonito e nunca vi tanta coisa bonita, né, fácil, né, os artista é diferente de nós, até parece que são de outro mundo, né, as roupas são colorida, brilhante, né, queria ser assim. (Otoniel Jordão, jovem da aldeia “Marçal de Souza”)

Otoniel analisa, compara e julga a realidade virtual em relação ao cotidiano popular. Ter uma noção clara sobre a função do meio tecnológico e de sua interferência na vida dos receptores, dependerá da relação entre a produção e a recepção e do que ambas apresentarem: a TV, com seus programas, ofereceu, certamente, variadas opções culturais aos índios terenas e “dialogou” com eles por meio dos programas. Os indígenas, por sua vez, sob as diversas mediações socioculturais e conforme seus repertórios, interpretaram e propuseram alternativas. Enfim, a interpretação desenvolvida pelos receptores indígenas pode ser verificada em suas ações cotidianas e nas mudanças de comportamento que apresentam ao apropriarem-se e ressignificarem os bens culturais, incorporando-os às suas experiências cotidianas.

ORLANDO GARCIA é Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (2010) e possui especialização em História, Sociedade e Cultura pela mesma instituição (1999). É membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura: Barroco e Mestiçagem (CNPQ-PUC-SP) e pesquisa a cultura indígena, suas relações com a produção televisiva e cinematográfica e seus processos de mestiçagens. É professor de História.

E-mail: orlandohist@ig.com.br

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Globo, 2003.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lassa, 4ª edição. São Paulo: Edusp, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 14ª edição. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- JACKS, Nilda. ESCOSTESGUY, Ana Carolina. *Comunicação e recepção*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- LAPLANTINE, François. NOUSS, Alexis. *Mestizajes*. De Arcimboldo a Zombi. Tradução de Victor A. Goldstein. 1ª edição. Buenos Aires: Fondo de La Cultura Econômica, 2007.
- LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social das novelas das Oito*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- _____. *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sergio Alcides. 4ª edição. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. *Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil*. Coord. Nilda Jacks. Porto Alegre: Ed. Sulinas, 2008.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Editora Contexto, 1992.
- OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Hablan los televidentes. Estudios de recepción em vários países. Em: *Cuadernos del PROCOIICOM 4*. México: UIA, 1992.
- _____. Hacia uma dialéctica de la television: la estructuracion de estrategias por los televidentes. Em: *Revista Comunicação e política: comunicação na América Latina*. São Paulo: Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos, 1993a.
- _____. Pesquisa de recepção: investigadores, paradigmas, contribuições latino-americanas. Em: *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo: INTERCOM, nº 1, 1993b.
- PAZ, Octavio. *Convergências: ensaios sobre arte e Literatura*. Tradução de Moacir Werneck de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- PINHEIRO, Amálio (org.). Introdução. Em: *Comunicação & Cultura: Barroco e Mestiçagem*. Campo Grande/MS: Editora Uniderp, 2006a.
- _____. Mídia e mestiçagens. Em: *Comunicação & Cultura: Barroco e Mestiçagem*. Campo Grande/MS: Editora Uniderp, 2006b.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. E outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2002.